



entrevista com
messias DE OLIVEIRA

Entrevista com Messias de Oliveira, cantador repentista. Messias nasceu em Nova Russas-CE, dia 26 de outubro de 1957. Entrevista realizada na sua residência em Santa Maria, Brasília-DF, dia 12 de fevereiro de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Domingos: Você é natural de onde?

Messias: Eu sou do estado do Ceará. Eu nasci no Nordeste brasileiro, no estado do Ceará. Nasci na cidade de Nova Russas, que fica em pleno sertão. Por sinal, eu nasci num sítio, a minha origem é de sertanejo. Minha origem é sertaneja e eu me criei na roça. Naquela época o meu pai era agricultor - meu pai já partiu, já morreu, minha mãe também -, mas eu vivi na roça até os dezessete anos de idade. Aos dezessete anos eu vim pra Brasília. Em Brasília eu fiquei trabalhando alguns dias até ficar de maior, depois eu tirei os documentos e fui pra São Paulo. São Paulo eu fui, trabalhei de metalúrgico um bocado de tempo, depois trabalhei também em transporte de bebidas, vendendo bebida na grande São Paulo. E com o decorrer dos anos, eu assistindo Cantoria... Que eu já era poeta. Já sabia fazer versos e tal, mas não exercia a profissão. E com o decorrer dos anos resolvi também cantar Repente, que é uma coisa difícil. Você cantar Repente, se aproximar um pouco da profissão, da cultura, da Literatura de Cordel... Não é fácil, cada dia que passa você aprende mais um pouquinho. Quando você se conscientiza que não sabe ainda, começa a aprender um pouco. Então é muito difícil esta nossa profissão, a arte de cantar Repente, pra quem não sabe. Porque fazer versos entre aspas é coisa fácil, você cantar *razeira* é muito fácil. Mas você buscar uma coisa mais profunda, lá do fundo do baú, já é mais difícil. Então, os cantadores de hoje são muito preocupados com o conteúdo. E a Cantoria é isso. A Cantoria dos cantadores brasileiros nordestinos, do Nordeste do país, os poetas, os aedos, cantadores menestréis que nos seus antepassados, na Grécia Antiga, já cantavam pra rei e rainha, pra professor de escola... Já tinham aqueles convites especiais pra cantarem à noite. Então a viola veio pro Brasil... A Cantoria veio pro Brasil e se imortalizou no Nordeste brasileiro. Tanto é que está mil vezes mais desenvolvida do que na própria Europa. O Geraldo Amâncio, por exemplo, alguns anos atrás ele fez uma viagem pra Portugal junto a Pedro Bandeira. E lá eles cantaram. E o Geraldo falou pra mim que a Cantoria no Nordeste brasileiro se desenvolveu muito. Os cantadores a botaram lá em cima, se preocuparam em renovar a Cantoria. E hoje em dia está muito evoluída, tem cantadores novos por aí cantando o mundo. E eu sou feliz com isso.

Domingos: Na sua infância o senhor se lembra de Cantoria?

Messias: Eu lembro que, morando na roça, eu era criança... A primeira Cantoria que eu assisti foi Geraldo Alencar e Dedé Chagas. Dedé Chagas já até morreu, Geraldo Alencar eu acho que ainda está vivo. Então, dois cantadores bons, principalmente o Geraldo Alencar, eles fizeram uma Cantoria perto da minha casa, na casa do Antônio Luiz, que já até morreu também. Cantoria grande, muito boa... Cantoria dessas Cantorias familiares, Cantoria pé de parede. Pé de parede que eu digo é assim: dentro da sala da residência do cidadão. Cantoria de bandeja, porém muito boa, muito bem trabalhada... E uma Cantoria financeiramente bem boa, Cantoria de bandeja. Porém muito bem cantada, foi muito bom. Então eu era criança na época, os meus irmãos foram pra Cantoria e me levaram, e eu assisti aquela coisa e ficou aquilo guardado na minha mente. Ficou na minha lembrança. E eu nunca esqueci. Depois que eu ingressei na profissão e passei a cantar Repente também um belo dia eu

estava em Fortaleza e nós fomos fazer um programa de rádio na rádio Primeira Capital de Aquiraz, cidade de Aquiraz, que fica a poucos quilômetros de Fortaleza. E lá encontrei o Geraldo Alencar, que eu tinha assistido a Cantoria dele lá no sítio, na época que eu era criança. E aí foi uma farrá, fizemos o programa juntos, lá fomos cantar. E ele tinha uma Cantoria, à noite me levou pra Cantoria. Pra mim foi uma felicidade ter encontrado ele nesse dia. Fizemos uma Cantoria boa na casa de um pessoal muito bacana, matei a saudade também, pois fazia muito tempo que eu tinha visto ele e foi bom. Então são coisas que se passam que a gente não esquece. As coisas boas eu procuro sempre guardar na gaveta da memória.

Domingos: E como o senhor começou a tocar viola?

Messias: Eu já gostava da viola desde criança, sempre gostei de viola. Para mim é um instrumento que está comigo dia e noite. Eu, desde criança ouvia os cantadores cantando Repente, tocando viola e eu me emocionava. Ficava fascinado quando chegava numa casa do interior, que eu olhava pra um canto da sala e via uma viola. Então aquilo me prazera, eu ficava cheio de alegria. O som da viola à tarde, dos programas de rádio que os cantadores apresentavam e cantavam... Eu escutava o som da viola e eles cantando... Sempre achei bacana a viola. Tanto faz a viola nordestina como a viola caipira do Centro-Oeste, do Sul, de São Paulo, de Minas Gerais, de Goiás, eu acho bacana. Sendo viola, pra mim eu acho bacana. Tanto que falei ontem pra você, que eu não perco um programa de viola. Programa sertanejo, se eu estiver em casa eu assisto.

Domingos: E o Cordel teve uma importância na sua infância?

Messias: O Cordel teve uma grande importância na minha infância. Eu me criei ouvindo os cantos, porque naquela época os cantadores também cantavam romances, que são os folhetos. E romance, romance grande... Tem livretos de trinta e duas páginas, como por exemplo, “Josafá e Marieta”, “Mizael e Minervina”, “Pavão misterioso”, “Floriano” e por aí vai. São muitos romances. Então eu ia pras Cantorias à noite, no fim de semana que no Nordeste sempre tem... Os cantadores cantavam romance, eu achava aquilo bonito. Que fosse romance de amor, de amor e luta, achava bacana. E depois, já na minha adolescência, comecei a ler folhetos de Literatura de Cordel também, uns romances, e comecei a prestar atenção e aprendi a ler. Eu era menino, mas aprendi a ler lendo romance, lendo os folhetos. Pra mim teve uma grande importância na minha vida. Que além de ser uma coisa que eu gostava do conteúdo da coisa, da cultura da Cantoria em si, da Literatura de Cordel, era também uma parte educativa.

Domingos: Qual é a relação entre o Cordel e a Cantoria?

Messias: O Cordel e a Cantoria, eles viajam juntos. A diferença que existe é que a Cantoria geralmente é feita de improviso. A Cantoria você canta improvisando, fazendo Repente. Porque mesmo que você queira escrever uma Cantoria, pra você fazer ela escrita, ela não vai ter a mesma poética quanto a Cantoria cantada de improviso, feito de improviso. Porque no

improviso você sempre traz alguma novidade na transmissão daquilo que você está fazendo. Entendeu? É Repente. No Repente sempre aparece uma estrofe diferente, uma coisa mais profunda, mais científica, que seja sertaneja, que seja o cotidiano do dia a dia, que seja o amor, que seja a natureza. O improviso é uma coisa que se renova sempre e que se transforma. E que voa sem sair do canto. Então o improviso é uma coisa muito divina. É isso. Mesmo que você queira escrever algumas estrofes pra cantar, mas não vai funcionar bem a coisa, porque a sua mente já é acostumada a improvisar. Por mais que você faça na caneta alguma coisa bonita, mas é muito cansativo. E não tem a mesma essência, aquela mesma poética quanto cantado no improviso. De forma que se você for só escrever pra cantar, pra transmitir pro povo através da viola, chega uma hora que alguém pode lhe abordar um assunto, lhe dar um assunto na hora pra você cantar e sua mente está acostumada a *canetar*. Tipo o poeta da Literatura de Cordel, aquele que só escreve também. Então sua mente está acostumada apenas a escrever, aí você perde muito terreno com isso, porque você está acostumado naquilo. E o repentista não. Já está dizendo: repentista, é o que faz na hora. Ele já é acostumado. Que seja em casa, que seja na rua, na escola, na fábrica, onde quer que seja. Ele vai fazer uma apresentação, alguém dá um assunto pra ele na hora e ele é acostumado naquilo. Então ele desenvolve com bem mais eficiência.

Domingos: Quais são [os temas] mais cantados no Repente?

Messias: Hoje em dia o povo está muito preocupado com essa questão política do dia a dia, mas ainda canta muita coisa também falando no sertão, nas nossas origens, de onde viemos, de onde somos, de onde nós nascemos um dia. E a questão também das drogas, o pessoal sempre pede esse assunto, a adolescência, a tecnologia do momento... E por aí vai.

Domingos: E o que são os gêneros, as sextilhas...?

Messias: Ah os gêneros. A sextilha é indispensável. A sextilha... Em todos os lugares que você vai cantar, a não ser que o povo peça pra começar logo cantando outra coisa, porque o cantor canta muito pro povo. Então, o pedestal da Cantoria é a sextilha. Geralmente você começa com sextilha. Em todos os lugares que você vai, você começa com ela. Começa e às vezes canta muito, muita sextilha. Porque dentro da própria sextilha, do conteúdo da própria sextilha, você canta vários assuntos, entendeu? Você canta vários assuntos: canta o sertão, canta o amor, fala da natureza, na lua, nas estrelas, na namorada, no povo do sertão, na política, enfim, no cotidiano do dia a dia. Então isso está dentro do próprio contexto da sextilha. E por aí vai. E tem outros estilos também, como por exemplo o martelo agalopado. Você canta ele às vezes solto... Solto que eu digo é sem ser tema, sem ser mote. Às vezes canta o desafio no próprio martelo e às vezes canta os temas, os motes, que são formações de palavras e sílabas criados na hora. E o mote em sete também. E outros assuntos. Aliás, tem outros estilos, como por exemplo o “Voa sabiá” e “Coqueiro da Bahia”, que são duas modalidades que a gente sempre está cantando nas Cantorias que a gente faz. Galope na beira do mar, que é uma coisa muito bacana também e que já vem há muitos anos acompanhando a Cantoria... Quadrão mineiro, quadrão perguntado. Mourão voltado e

quadrão, que são dez sílabas. Aliás, oito sílabas, “oito pés de quadrão”, o pessoal chama. Então esse é o quadrão original, que é uma Cantoria até mais velha também. E tem o gabinete também. O gabinete é outra modalidade. E são várias modalidades. “Me responda cantador” também é uma modalidade, um pergunta e o outro responde.

Domingos: Como é a questão do mote?

Messias: O mote é como eu acabei de falar pra você. Que o mote tem o mote em sete, sete linhas, e tem o mote decassílabo, que é o martelo agalopado, são dez linhas. São formados no próprio pedido do conteúdo do mote, são formados já o nome do mote ou a junção de rimas. Como por exemplo: “Eu nasci lá no sertão / E sinto saudades de lá”. Esse é o mote em sete. O mote decassílabo, que é em martelo agalopado, já é diferente. Você diz: “O Nordeste tem sido até agora / O reduto da nossa Cantoria”. Criei nesse instante esse mote. Esse é o mote decassílabo. E tem o galope na beira do mar que você canta ele num assunto, ou canta um assunto às vezes falando ao povo, um assunto dirigido ao povo. Ou então você canta um assunto se referindo a outra coisa. A Jesus Cristo, ao sertão, o amor e por aí vai. Se referindo a Jesus tem uma estrofe do poeta Pedro Bandeira. Ele escreveu um folheto e uma vez a gente estava cantando num festival na Casa do Cantador. E ele estava recitando o trabalho desse folheto se referindo a Jesus Cristo em galope da beira do mar. Ele até me deu um folheto, eu não sei onde está esse folheto. Aí eu decorei uma estrofe dele recitando na hora que diz... Não é meu, é do Pedro Bandeira, que diz, se referindo a Jesus Cristo:

*Jesus que perdoa os fracos de ações
Estrela da paz, remédio da guerra
A única pessoa do céu e da terra
Que entende a linguagem de todas nações
Morreu coroado entre dois ladrões
Cuspido e zombado da voz popular
Tirou na história primeiro lugar
Pendeu a cabeça pro lado direito
Pra todos os séculos merece respeito
Nos dez de galope da beira do mar.*

Messias: Esse é um estilo de Cantoria, uma modalidade, galope na beira do mar. Mas ele canetou todinho. Que isso não é improvisado, isso é canetado. Ele canetou todinho se referindo a Jesus Cristo, por sinal um trabalho muito grande. Grande que eu digo não é que são muitas estrofes, eu falo é no conteúdo da coisa.

Domingos: E como faz pra pessoa pedir o mote, o que ela precisa saber?

Messias: Pedir o mote, vocês que são inteligentes... Vou fazer uma comparação: vocês estão numa Cantoria de dois menestréis bem afiados, uma dupla que realmente combina. E vocês estão assistindo a Cantoria. Aí um resolve pedir um mote na hora. Você diz: “Messias, canta

um mote pra mim: ‘Faz muito tempo que eu fui / Na minha terra natal’”. Isso é um mote em sete. Entendeu? O decassílabo eu acabei de falar pra você aí como é que é. Tipo a turma que mora lá na Asa Norte, a Giovana, o Camai, Gustavo... Esse povo pede o mote, mas é coisa bacana. Eles já pedem metrificado, com poesia, um conteúdo fora de série que dá gosto a gente cantar. Porque tem gente também que não sabe pedir o mote. Ele não sabe, não é que ele seja ruim, não é que ele não tenha formação. É que não é prático em assistir a Cantoria. Mas com o tempo aprende a pedir. E essa turma aí pede um assunto, um mote, um tema, uma coisa fantástica, que dá prazer de cantar.

Domingos: E pode pedir só o tema?

Messias: Não, você pede um mote. Um tema já é mais um assunto... Porque o tema se refere a muitas coisas. Um tema se refere a você estar cantando uma sextilha, um tema é um assunto. Ou então um professor que vai dar uma palestra, o tema é esse, gente. Então o tema está abordado em vários sentidos da cultura. Que seja da Cantoria, que seja num discurso, que seja numa apresentação e por aí vai.

Domingos: E como que foi a sua vinda pra Brasília?

Messias: Rapaz, a minha vinda pra Brasília, pra ser sincero, eu não vim nem tanto por dizer “eu amo Brasília, eu tenho vontade de conhecer Brasília...” Não, não era isso. Eu vim até por uma questão de consequência, que o nordestino em si, o brasileiro nordestino às vezes vem pra Brasília não é nem tanto porque quer conhecer o lugar. Não, às vezes é a aventura da vida, você precisa de trabalhar, de ganhar algum dinheiro e de arrumar alguma coisa, de botar a sua vida em dia. Então a minha vinda pra Brasília foi mais isso.

Domingos: Em que ano que você veio?

Messias: A primeira viagem que eu fiz pra Brasília foi em abril de 1975. Eu não vim nem tanto porque queria conhecer Brasília, não. Não foi bem essa coisa não. Aventura da vida, em busca da sobrevivência. Então esse foi o motivo de eu ter vindo e de muita gente também, que deixa sua terra natal. Porque o Nordeste, ele é muito rico em cultura, é muito bonito também, é um lugar de um povo hospitaleiro onde se tem muito o que curtir. Não só lá, São Paulo também é um lugar muito bom. Eu gostei muito de São Paulo, falar a verdade. Eu passei alguns tempos trabalhando e morando em São Paulo. Eu não fiquei porque eu não tinha residência lá, não tinha casa própria. Eu morava na casa da firma mesmo, aí eu pensava: “no dia em que eu sair dessa firma, vou embora pra outro lugar.” Mas era bom São Paulo. Fim de semana em São Paulo, naquela época principalmente, você ia pra Praça da Sé e outros lugares, parecia que você estava no Nordeste. Você encontrava tudo, Cantoria, forró, os amigos, o próprio paulista também, muito educado com a gente. É claro que em toda parte tem também aqueles violentos, mas tem muita gente boa.

Domingos: Como era Brasília quando o senhor chegou?

Messias: Brasília na verdade, na época que eu cheguei aqui em 1975, em abril de 1975, em plena ditadura militar, era muito porteira fechada. Não era bem essa coisa assim que muita gente fala. Tinha muito egoísmo na época, cada qual pensava muito em si. Era muito fechado aqui, não tinha assim aquela coisa tão hospitaleira, um trabalho social... Que hoje ainda não tem, mas naquele tempo era muito pior. Então, na época que eu cheguei aqui era muito mais difícil. Muito pior. Povo fala que era bom de emprego isso aqui, não, eu achava pior do que hoje. Apesar de que a violência está na rua hoje muito mais acirrada... Mas naquele tempo tinha também. E muito pior, os próprios militares, torturavam gente, batiam em cara trabalhador. Não era lá essas coisas. Era praquela egoísta que só pensava em si e que ele tinha um emprego público e que comungava com as irregularidades da ditadura militar e da política suja e nojenta voltado para a burguesia. Então, pra quem comungava com esse tipo de coisa talvez fosse bom. Mas pra mim Brasília não era boa não, naquela época não. Confesso-lhe que não achei essas coisas não. Apesar de que tinha gente boa também, os estudantes que já se preocupavam com essa parte aí, com essa coisa dos problemas sociais. Mas Brasília na época era muito porteira fechada.

Domingos: Nessa época, já tinha pessoas de diversos lugares aqui em Brasília?

Messias: Tinha. Brasília sempre foi uma capital muito mesclada, pessoas de vários estados vinham pra Brasília trabalhar e construir Brasília. Então vieram muitas pessoas de vários lugares. Do Nordeste, por exemplo, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, enfim... E de Minas Gerais, do próprio São Paulo também tinha, entendeu? Rio de Janeiro e Pará, vários lugares do país... Brasília é um lugar que tem de tudo.

Domingos: E como que era a cena da Cantoria?

Messias: A Cantoria era aceita na época. Porque a Cantoria é uma coisa que não morreu até agora, e que eu digo até que é uma coisa muito divina cantar. Porque não tem um povo mais seleta do que o povo de Cantoria. O povo que acompanha a Cantoria é um povo que tem uma pureza na alma, um pensamento positivo, uma cultura firme voltada pra nossa própria cultura. Então é um povo que, realmente, quando vai à Cantoria vai porque gosta, vai pra prestar atenção. Aquele que vai pra zoar numa Cantoria não é o verdadeiro povo de Cantoria. Mas o povo mesmo, que é realmente um povo seleta de Cantoria, vai realmente assistir a Cantoria e guarda aquilo na cachola. Seja aqui, em Brasília, seja no Nordeste brasileiro... Que tem aquele povo que vai pra Cantoria principalmente nas casas de família, Cantoria oficial, de bandeja e tem aquele convite de quem já acompanha a Cantoria de muitos anos. Então esse povo, junto aos cantadores não deixaram morrer a cultura.

Domingos: E já havia muitos cantadores em Brasília nessa época?

Messias: Não, não tinha muito não. Teve, por exemplo, Lourival Bandeira, que chegou primeiro aqui em Brasília, que era pioneiro em Brasília e era também funcionário público. Ele foi um cantador que defendeu muito a bandeira da Cantoria. Ele morava no Gama e chegou a fazer programa de Cantoria de viola e Repente na Rádio Nacional. Ele, e Chico Bandeira...

Chico Bandeira está vivo, está morando no Juazeiro, no Ceará. Então eles tinham um programa na Rádio Nacional, e cantadores que chegavam aqui já se encontravam com eles e participavam do programa dele. E faziam as Cantorias nos bares e restaurantes, casas de família, escola. E às vezes fora de Brasília também, que às vezes iam cantar em Gurupi, por exemplo, outros lugares do Goiás. E às vezes viajavam pra distante também, através do programa e das Cantorias que se encontravam por aqui. Eu mesmo, daqui de Brasília já fui convidado pra cantar em Minas Gerais, João Pinheiro, Patos de Minas. Cantei pra empresários lá em João Pinheiro, em Patos. E nessa viagem, dentro do próprio convite, eu cantando lá à tarde, um mineiro estava aniversariando me levou pra casa dele pra cantar lá. Me receberam muito bem, me pagaram... Eu fui pra cantar pros empresários que moravam em João Pinheiro e de lá nós fomos pra Patos de Minas, por sinal foi uma viagem muito boa, graças a Deus.

Domingos: Seu Donzílio já cantava nessa época?

Messias: Donzílio já cantava na época. O Donzílio vem há muitos anos na estrada... Ele nunca viveu exclusivo da profissão, além da viola ele tinha outras atividades. Donzílio foi mestre de obras, foi encarregado de obra. E cantando Repente ao som da viola, ele nunca viveu exclusivo da arte. Agora, escrevendo sempre foi uma fera. Confesso-lhe que sou suspeito a falar porque é colega, é cantador e tal e coisa, mas é a verdade. Eu gosto muito dos trabalhos do Donzílio. Eu leio sempre os livros que ele escreve, não pra eu cantar - que eu falei pra você que não tem condição de você ir cantar o que está no livro ou o que você escreveu, porque aquilo ali acaba. Acaba que eu digo, o assunto... Então às vezes você prejudica cantar de improviso. E não tem como você ficar só escrevendo ou lendo o livro pra cantar. Livro a gente lê. Porque se você me pede um assunto histórico, um tema histórico, se eu não li não tem condição de eu cantar. Então eu leio tudo, leio livros de esquerda, de política, de sertão, de outras coisas mais, eu leio tudo. Leio a própria Bíblia, que às vezes o camarada pede um assunto bíblico e se eu não li eu não tenho condição de cantar. Eu leio coisas da política também, e por aí vai. Histórias também do nosso país. Eu leio às vezes até coisas de fora que está no meu alcance, de acordo com o meu conhecimento. Leio porque uma hora você está numa plateia que realmente quer um assunto diferente. Porque nem todo mundo é igual. Tem aquele que não entende às vezes o que você está cantando, ou não sabe até aonde viaja a Cantoria, mas tem alguém que sabe, tem muita gente que sabe. Tem garoto novo que sabe. Eu já cantei em faculdade em Brasília que tem a rapaziada nova aí que é refinada, sabe das coisas. E como tem também muita gente nova também que não sabe... E por aí vai.

Domingos: Quais são as principais qualidades que o cantador precisa ter?

Messias: O cantador, em primeiro de tudo ele precisa ser poeta. É a arma principal. Porque se você não for poeta não tem como você cantar. Primeiro ser poeta. Porque você sendo poeta, quando você começa a cantar numa Cantoria, num show, você começa a buscar coisas diferentes, a sua mente começa a se abrir. Mas isso só acontece com quem é poeta.

Porque não adianta inventar de cantar. É bom que cante, mas que seja poeta. Porque se inventar de cantar porque viu outro cantar... Diz: "Ô rapaz, isso é bacana, vou cantar também." Muitas vezes não é o seu terreno, não é a sua praia, então você vai se perder no meio dessa coisa aí. E é bom que seja poeta, porque é uma arma principal. Depois vem a voz, vem o ritmo da viola também, porque você está tocando de um jeito ritmado e tem o outro que está ao seu lado num baião desmantelado... Ou desmetrifica... Desmetrificar desmantela o companheiro que está do lado e é feio. Até conversar desmetrificado é feio, imagine cantando. Porque tem gente que faz questão de ser ruim, ser desmetrificado até num boa noite que dá. Isso é cruel. É tipo gente que até o assovio dela é desmetrificado! E é ruim isso, é péssimo. Essa rapaziada nova que começa a cantar hoje em dia já vem completo com tudo. Já começa preocupado com métrica, com rima, com oração. Oração é o conteúdo da estrofe que você forma pra transmitir. Então, as qualidades... Voz também é uma qualidade, a voz também ajuda muito. Aliás, não é que ajuda muito, é principal também, é uma coisa muito importante você ter voz. Educar a voz, não gritar muito. Se é dentro de uma sala, procurar cantar suave, nem baixando demais nem subindo. Então, são qualidades importantes. O ritmo, que eu falei ainda agora. Na viola é muito importante o ritmo, tanto no cantar como no dedilhar da viola. E outras qualidades também... Não quebrar o trato com o empresário, o dono da casa, ou o dono da empresa, ou a escola que fez um trato com você. Por favor, não quebrar o trato, isso é importante. É muito importante não chegar atrasado também. Isso pra mim é qualidade, isso é importante, não quebrar trato, ser honesto também - se é tanto é tanto. Então a honestidade, pra mim, ela vale em qualquer lugar. Eu prometi pagar tanto, então que pague o tanto que prometeu, que cumpra do jeito que falou. Que seja o cantador, que seja o empresário que contratou, o que quer que seja. São qualidades. O respeito também, nas casas, porque o cantador quando viaja, ele tem que ser um espelho do povo. Tanto da Cantoria, na hora de cantar, como também na moral da coisa. Isso é muito importante. Eu sou um dos cantadores, tenho viajado por aí fora, viajei muito no Nordeste e espero com fé em Deus viajar muito ainda em qualquer lugar do Brasil. A sua índole é muito importante, o seu critério com o povo, com as crianças, com a família. Tudo isso é qualidade. E isso pra mim não é ser bom, é uma obrigação. Ser bom já é outra coisa, já é uma coisa extra. Esse negócio de dizer: "Ah, aquele é um cara legal, um cara respeitador, um cara bacana." Não, isso é minha obrigação. Aquilo é um cara bom. Não, bom já é outra coisa. Bom é se eu estou fazendo alguma coisa extra, se eu estou ajudando alguém, dando a mão a alguém. Colocando alguém no meu lugar. E colocar alguém no meu lugar é dar oportunidade pra quem não tem. É se preocupar com as coisas sociais dessa vida, dividir o pão com aquele que está passando fome... Ou se alguém está na rua sofrendo, quer uma *intera* pra passagem, você contribui. É defender alguém. Isso pra mim aí já é ser... Não vou dizer ser bom, não quero ser hipócrita, mas já é uma coisa extra da vida. Agora, em termos de eu andar dentro da lei, pés no chão, não deixar a minha boca falar o que não é pra falar, defender alguém, respeitar alguém... Isso aí é nossa obrigação.

Domingos: O senhor poderia mostrar um pouquinho do baião que é feito na viola?

Messias: O baião que é feito na viola... O baião da Cantoria, eu vou mostrar alguma coisa simples aqui. *[Toca instrumental.]* E por aí vai.

Domingos: O senhor estava fazendo um pouquinho do baião. Se puder tocar mais um pouquinho, pra gente sentir essa sonoridade...

[Toca outros trechos instrumentais.]

Domingos: Como que é a transmissão da Cantoria, de geração em geração?

Messias: A Cantoria de geração em geração é mestre aprendendo com mestre. Os cantadores se inspiram em outros cantadores que já vêm há muitos anos na estrada. Então por mais que os cantadores novos aprendam a cantar muito, como tem cantador cantando muito, que quem duvidar é só assistir os grandes festivais, ou então assistir as Cantorias boas, aquelas Cantorias que dupla que realmente se preza, dupla rentosa, cantador rentoso que tem muito o que transmitir pro povo... Mas a maioria se inspira nos que já vêm na estrada de muito tempo. Muito embora naquela época não era aquela coisa mais próximo da perfeição, conforme tem hoje: violas boas, cantadores que se preocupam com o ritmo da Cantoria... Mas já vinham cantadores bons na estrada transmitindo coisas boas. No caso, teve cantador que cantou pra lampião, que era Josué da Cruz, que era um astro da Cantoria, do bom. Serrador, turma de geração que faz muito tempo que partiu... Serrador, Josué da Cruz, Manoel e Lulu... Manuel Galdino Bandeira, que embora não fosse tão profundo, mas tinha muita fama. Que era o avô do Pedro Bandeira. Hercílio Pinheiro, cantador do Rio Grande do Norte, que era um cantador bom também. Severino Ferreira, que já foi mais pra cá, mas era muito bom, era o meu cantador predileto, de eu ouvir ele cantando em pé de parede. Era muito bom e a pessoa ótima também. Morreu na virada de um carro, que se não tivesse morrido de acidente ainda estaria cantando aí, firme e forte, que ele era bem mais novo que o Ivanildo Vila Nova. Severino Ferreira e por aí vai... Uma turma grande. Esperídio Sobrinho, que morava em Cajazeiras, morreu num acidente também aos 42 [anos] de idade. Era cantador na Paraíba. Morava em Cajazeiras, onde tinha programa de rádio. Era também vereador, presidente da Câmara e cantava muito bem. Cantador bom. E a turma mais nova, de uma forma ou de outra se inspiravam muito nesses cantadores bons. Ivanildo Vila Nova foi um cara que inovou a Cantoria. Muito embora tenham surgido Os Nonatos depois... O Nonato Costa, Raimundo Nonato da Paraíba, é da minha terra, do Ceará, de Santana do Acaraú, cantador grande. Surgiu já cantando muito... Eu tive o privilégio de participar de eventos junto com ele, cantei na minha terra, Nova Russas mais ele, cantamos juntos, os dois. Cantador muito bom, que hoje está na música. Tem muita dupla sertaneja cantando música deles. *[Cantarola.]* “Meu grande amor, se não for pedir muito...” Essa musica é dele. E por aí tem muitas que eu vejo duplas sertanejas cantando no programa do Ratinho, músicas deles e que não diz nem que é deles.

[Toca instrumental na viola repentista e canta:]

*Sertão que os cantadores
Mostram diversos retratos
Das ramas verdes, dos matos
Que enfeitam vários setores
Antigos povoadores
Do meu sertão brasileiro
Se escutam cancionero
Que Deus o fez inspirado
Sertão é berço adorado
De cantador violeiro.*

*Sertão que cantou Galdino
Que foi cantador de fama
Foi voz de ouro em programa
Entoava igual um sino
Assaré torrão granfino
De Patativa o herdeiro
Que seu poema primeiro
O fez immortalizado
Sertão é berço adorado
De cantador violeiro.*

*Sertão dos poetas vates
De Fonseca um dos heróis
Siqueira dos rouxinóis
Dos atrativos levados
Ivanildo e seus compadres
Seu nome sempre é primeiro
E o chão de Hercílio Pinheiro
Já está glorificado
Sertão é berço adorado
de cantador violeiro.*

*Sertão que nunca se apaga
Nosso Repente é ao vivo
Da viola eu sou cativo
Quem conhece não estraga.
Terra que Luiz Gonzaga
Foi cantor e sanfoneiro,
Tocou pra o Brasil inteiro,
Xote, baião e xaxado,*

Sertão é berço adorado

De cantador violeiro.

Domingos: Essa é uma em dez? Digo, em linhas?

Messias: É dez linhas, em sete sílabas. Eu estou dando o exemplo aqui do cantador se referindo ao sertão. Porque sem sertão não há Brasil. Sem sertão o Nordeste não é nada também. Então o sertão inspira muita gente, inspirou muita gente e continua inspirando. As poluições sonoras que estão surgindo ultimamente e que tem o nome de música, que pra mim não é música, isso tem os seus dias contados, porque na verdade não é música. Esse negócio de: “tira, tira, tira a calcinha, vai lacraia, vai lacraia...” Isso pra mim não é música, isso é poluição sonora. Então eu me inspiro nas coisas boas. Eu vejo Deus na manada de gado que o vaqueiro tange, aboia... No pássaro que canta de bico aberto em pleno sertão. Eu vejo Deus presente nessas coisas. Eu levanto a minha cabeça à noite quando eu estou em pleno sertão, olho pras estrelas, vejo a lua - eu encontro Deus em tudo. Então são essas coisas que me inspiram e que me fazem ser cantador e permanecer na viola. A gente aprende na cidade, aprende com a criança, com os mais velhos. Eu já aprendi conversando com criança, já tirei coisa de criança, muito inteligente. Eu acho que ser inteligente ou ter o dom da sabedoria não depende de idade não. Não é à toa que Castro Alves morreu aos 24 anos, um gênio daqueles morreu tão novo, tão jovem, e deixou uma bagagem daquela - pra mim ele teve o direito de realmente ter sido o maior poeta. O cara morrer com vinte e poucos anos de idade e escrever e essa bagagem toda, essa coisa tão boa que Castro Alves deixou... Foi merecido.

Domingos: E o que o senhor sente quando toca viola?

Messias: Em primeiro de tudo, prazer no que estou fazendo. Sinto a felicidade porque estou fazendo o que gosto. E sinto também o amor pela arte. E sinto ao mesmo tempo a certeza de que estou fazendo uma coisa que é boa. Não é uma mensagem negativa. E estou tocando um instrumento que realmente gosto do som... Eu sou um defensor da viola, não sou um grande violeiro, mas eu sou um defensor da viola. Sou um amante da viola. Sou um defensor da poesia também. Da cultura nordestina e, por que não, brasileira?

Sara: Seu Messias, o sertão inspira bastante os cantadores. Mas o senhor, morando aqui há tanto tempo... De alguma forma, o cerrado ou a atmosfera da cidade também te inspiram?

Messias: O cerrado é uma coisa excelente que inspira o poeta, o cerrado é muito rico. É rico em plantas, frutas, é bonito em tudo. Tanto que eu quero aproveitar esse momento tão importante, já que você falou no cerrado, que foi bom você ter falado... Que preservem mais o cerrado e que defendam o cerrado, defendam a natureza. Chega de devastação. A natureza é perfeita, ela só quer de nós o respeito pra que possa se manter equilibrada. É tão lindo você olhar o cerrado, ver as frutas, as folhas, as plantas medicinais, as nascentes... Que se as nascentes se acabarem nós vamos morrer, gente. Eu já não digo nem tanto nós... Mas

e quem vem depois da gente? Como é que fica a situação? Vamos defender o cerrado que é riquíssimo em água, em nascente, em água potável, água mineral, água cristalina. As flores, os pássaros, a fauna, a flora, vamos defender a natureza. Sem a natureza nós não somos nada. Como também nós sem Deus não somos nada. E se defendermos a natureza nós estamos respeitando a Deus. É isso.

Domingos: Você acha que daria pra improvisar um tema sobre o cerrado?

Messias: Dá.

[Toca viola repentista e canta:]

*É bonito o urutau
Cantando fora de hora
E a consciência do homem
Eu chamo atenção agora
Não mate o pássaro no mato
E nem toque fogo na flora.*

*Sei que o cerrado vigora
E respeite cada nascente
Cada água cristalina
Que mata a sede da gente
Essa conscientização
Depende da nossa gente.*

*Queira água na vertente
Que na água tem pureza
Um pássaro de bico aberto
Que faz a sua defesa
Quem respeita Jesus Cristo
Respeita a mãe natureza.*

*Eu quero ver a burguesa
Cantando pra todo lado
O pequeno agricultor
Seja o homem do roçado
Se conscientize da vida
E não devaste o cerrado.*

*Eu aqui dou meu recado
Na viola e no baião,
Que eu sou amigo de todos*

*Não tem discriminação
Mas respeite ao cerrado
E deixe de devastação.*

Messias: De uma forma ou de outra, desculpe algum lapso na transmissão do meu verso, mas isso aqui foi cantado de improviso, viu? Vocês pediram e eu mandei o recado improvisando.

Sara: Muito bom!

Domingos: E esse que o senhor cantou, foi em que gênero?

Messias: Sextilha, foi uma sextilha.

Domingos: O senhor poderia mostrar pra gente um martelo agalopado?

Messias: Posso. Eu vou mostrar um pouco do martelo agalopado. Não posso mostrar muito pra vocês, mas não é que eu estou com pouca vontade, não é isso. É que eu estou um pouco baqueado, dor na cabeça. E eu lhe falo com a minha sincera consciência, a cabeça doendo na hora de improvisar é uma das piores coisas que pode existir. E se o cara ficar rouco ele acaba de se lascar. É... Porque o cantador, por mais que seja poeta ele depende da voz e depende da criatividade da hora. E o pior desastre para um cantador é dor de cabeça e rouquise. Se ele for cantar e estiver rouco ele se lasca. Principalmente onde o povo não conhece ele. Pra quem já vem assistindo, que já sabe que a voz dele é aquela, outra diferente não tem problema. Eu cantei muitas vezes na Paraíba feliz da vida, mas teve uma vez em que fui cantar e estava rouco. Me deu vontade de morrer nessa noite... É muito ruim. Era uma Cantoria grande, a sala cheia de gente na beira de um açude de Coremas - um dos maiores açudes, feito em 1930, um açude que tinha muito peixe, hoje em dia está quase seco. Aí eu estava rouco nessa noite. Fiquei muito triste.

[Toca a viola repentista e canta:]

*Jesus disse eu sou água da vida
Sou o pão que sacia qualquer fome
Quem ora e pedir sempre meu nome
Terá sempre resposta garantida
Se você se encontra sem saída
Jesus Cristo é a sua solução
A palavra de paz e de perdão
O amor, a vitória e aliança
Jesus Cristo é a única esperança
Pra quem quer alcançar a salvação.*

*Não precisa andar ajoelhado
Nem fazer sacrifício com animais
Só em Cristo você encontra paz
E o remédio pra cura do pecado
No calvário ele foi crucificado
Dando o sangue pra nossa remissão
Mesmo sendo bom pai e bom irmão
Necessita fazer uma mudança
Jesus Cristo é a única esperança
Pra quem quer alcançar a salvação.*

Messias: Um pouquinho falando em Jesus Cristo, não é? Fazer igual ao rei Roberto: canta, canta, mas a música se referindo a Jesus ele nunca esquece. Então é bom. Esse é o mote decassílabo, martelo agalopado, com dez linhas. Não estou pregando religião... Fiz duas estrofes falando em Jesus Cristo, mas não é falando em religião de A ou B, não é isso. Deus é sobre todas as coisas, é independente de qualquer assunto que seja.

Domingos: A Cantoria é profissão?

Messias: É. E não tem melhor também não! A Cantoria é profissão. Agora, tem alguém que não consegue viver exclusivo da profissão da Cantoria. Porque a Cantoria, ela requer muitos requisitos. Nós falamos naquela hora de qualidade da Cantoria. A Cantoria ela quer primeiro ser poeta, voz, ritmo, viola, convites... Ser aceito também pelo povo, entendeu? Embora não seja aceito por muita gente, mas a Cantoria precisa de um bocado de coisas. Ter aquele tempero poético também que o povo gosta, é profissão. E difícil. É uma das profissões mais difíceis que existe na terra é a Cantoria. A Cantoria que eu digo, não a cantoria do caipira, que é muito boa, é linda, mas a Cantoria do cantador repentista... Ela é difícil. Quem pensar que não é difícil, e quem achar que cantar Repente é fácil, eu passo a minha cadeira e passo a minha viola. E que venha pro meu lugar. Porque você vai saber o quanto é difícil... E quer sentir um vento frio na barriga, seja um convidado pra participar de uma eliminatória de um festival, pra cantar depois num festival. Aí que você vai ver poeira forte na sua frente, entendeu? Chumbo grosso. Você cantar num festival nacional não é fácil não, é muito difícil, é barra pesada. Porque você vai às vezes ser julgado por alguém que não conhece, que está numa equipe, que vai estar numa comissão julgadora e que às vezes está ali por padrinagem, sei lá... E não conhece às vezes de métrica, de rima, de oração, quem cantou mais ou quem cantou menos, quem conhece mais ou quem conhece menos. Então é meio complicada a coisa. E um festival nacional principalmente, que seja regional e que tenha uma eliminatória... Eu nunca fiquei fora de uma eliminatória em Brasília. Não é que eu seja o tal, é que eu sempre fui classificado pra cantar em festival. Pode até ser que eu fique [de fora] qualquer hora. E se ficar é normal, que já voou muita gente de eliminatórias que participei. E participei de várias, e teve gente que até agora não conseguiu se classificar, porque é difícil. Você cantar um tema que alguém já preparou lá pra dar numa eliminatória pra você cantar, não é brincadeira não. Você vai se classificar pra um festival. E depois é que

vem barra pesada, que vem o festival. Você vai ter que ser um cantador de palanque. E que tem que desenvolver um assunto que vai ser dado pra você na hora cantar ali. Então você ser um menestrel da viola, um cantador repentista, é uma responsabilidade e tanto. É muito prazeroso, mas já que você me fez essa pergunta: é profissão? É profissão e é difícil. Você cantar nos festivais que eu já participei... Eu participei de um festival muito pesado em que Os Nonatos, esses que estão na música hoje em dia, estavam no festival. E cantei com um cantador com quem eu nunca tinha cantado. Teve um festival, muitos anos atrás, isso faz um tempo, primeiro governo do Cristovam Buarque, que o Chico de Assis foi diretor pela primeira vez da Casa do Cantador. Então, ele resolveu fazer um festival nacional. Além dos regionais, resolveu fazer um nacional e nesse nacional vieram muitas duplas pesadas do Nordeste. E eu tinha cantado no regional, aqui em Brasília, no regional só se classificaram duas duplas, e dessas duas duplas eu estava no meio. Então o cantador com quem eu tinha me classificado, ele não quis participar do nacional - porque na verdade é uma responsabilidade e tanto. E eu fiquei "desduplado". Aí o Chico de Assis conhece a minha Cantoria, ele me conhece há muito tempo... Aí veio o Zé Montes, da Paraíba cantar no festival nacional. E eu já estava em Brasília, a gente nunca tinha cantado juntos e "duplamos" no palanque do festival. Pesado, que estava o Nonato Costa, Raimundo Nonato, Edmilson Ferreira, cantador do Piauí que é uma força cantando, é um gênio. Ele é professor de francês, inglês, cantou na França, um cara muito preparado. Aí veio Edmilson Ferreira, Antônio Lisboa, Raimundo Caetano, Ismael Pereira, que eu cantei com ele, nós fizemos duas Cantorias grandes em Brasília, eu e Ismael Pereira. Fizemos lá no Gama num apartamento, uma sala muito grande no Gama, casa do Adauto. Fizemos outra em Planaltina. Então, Ismael Pereira estava, mais o Raimundo Caetano, estava Lorinaldo Vitorino também, irmão de Dinis Vitorino, que já morreu. Enfim, tinha muitas duplas. E eu estava nesse festival. Então, festival nacional, cantar no meio das feras, é uma responsabilidade e tanto. É igual um goleiro bom pegar a bola numa Copa do Mundo, mas só que é mais difícil. Não que eu esteja menosprezando, não que eu queira ser o tal... Mas é complicado, assunto na hora pra cantar Repente não é fácil não. Um goleiro, um cara que vai pegar a bola na Copa do Mundo. Quando ele acerta é humano, mas quando erra, perde o ano. Então cantar Repente é isso, se você esquece de uma estrofe... Pois cantar Repente não é fácil, você esquece, é normal. Mas é um normal que você pode levar chumbo, você pode ir pro rabo da gata. Rabo da gata que eu digo é ficar lá no último lugar. Uma vez quem me consolou num festival foi o próprio Ivanildo Vila Nova. Ivanildo Vila Nova, campeão de festival, várias taças já ganhou em festivais, ganhou vários troféus, uma fera cantando. Hoje ele está velho, mas Ivanildo era uma força. Então, uma vez eu participei de um festival e fiquei em terceiro lugar. Aí ele perguntou: "Messias, em qual classificação, você ficou?" Eu digo: "eu fiquei em terceiro, Ivanildo". Aí ele disse: "Ficou bom rapaz, muito bom, eu outro dia em Recife fiquei no sexto." Quer dizer, é uma humildade do cara. Já comeu muitos primeiros lugares, ele. Merecidamente, porque ele canta muito bem. Hoje em dia a Cantoria dele está trinta por cento. Trinta por cento quando ele se esforça muito, porque ele já foi muito rendoso.

Domingos: A Casa do Cantador, ela é importante pra Cantoria no Distrito Federal?

Messias: A Casa do Cantador é muito importante pra Cantoria no DF. Porque na verdade já está dizendo Casa do Cantador, então é aonde acontece os maiores eventos na Cantoria, os festivais, como eu acabei de falar... O reencontro dos cantadores é na Casa do Cantador. Mas é preciso também que os governantes olhem mais pra esse lado. Esse lado cultural da Cantoria, do cantador, da viola, do Repente, da Literatura de Cordel... Cabe aos nossos governantes, quem está no poder, ou quem vem pro poder depois, que cuide com maior envergadura e que olhe mais pra essa cultura. Porque um país sem cultura não chega aonde pretende. O país precisa da música, precisa da cultura, do nosso trabalho e de outras pessoas... Um povo educado através da cultura é muito bacana, a tendência é ter um futuro promissor.

Daniel: É isso que está faltando aos jovens hoje?

Messias: Com certeza. A Cantoria na escola é muito importante. Como foi criada aqui no Distrito Federal: Cantoria Escola. A gente canta hoje nas escolas através desse projeto que foi criado. Então cantar para as crianças, aos jovens, ao professor... Levar a Cantoria para as escolas é muito importante. Porque o cantador, ele canta e educa ao mesmo tempo. Tem cantadores por aí dando oficina de cultura, de Cantoria, de literatura, de métrica, de rima e oração, muito importante, isso é bom. O cantador canta e educa ao mesmo tempo. Eu já dei aula de poesia há uns anos atrás aí. Então parou, não por culpa minha, mas por pessoas que cuidam que traçam as leis desse país e que governam. Eu acho que é bom que tenham um pouco mais de sensibilidade e atenção com o lado cultural do nosso país.

Daniel: E você acha importante a convivência com os mestres?

Messias: Sim. É importante a convivência com os mestres. É importante porque através dos mestres é que surgem outros mestres que virão futuramente. Na escola da arte e da vida, tem muito o que se aprender.

Domingos: Qual é a importância da viola na Cantoria?

Messias: A viola é uma ferramenta principal na Cantoria. O cantador repentista, o menestrel, sem a viola fica faltando um pedaço dele. Porque a viola é uma companheira inseparável, o som dela tem magia, o som dela é encantador. Principalmente na noite que uma dupla vai cantar e que tem duas violas bem afinadas, bem no jeito, duas violas boas... É uma coisa linda, acho fantástico o som da viola. Então, a viola é um instrumento principal numa Cantoria.

Domingos: O senhor imagina a sua vida sem a Cantoria?

Messias: Rapaz, eu imagino, mas creio que a minha vida sem a Cantoria... Fica um vazio muito grande. Tudo bem, eu ganho dinheiro cantando. Mas não é só pelo dinheiro, é porque a gente se acostuma a gostar do que faz. Eu sou acostumado a cantar, eu gosto da viola, eu gosto do Repente, eu gosto do povo. Me sinto feliz quando estou no meio dos ouvintes, pessoas esclarecidas. Fico feliz quando afino uma viola e passo a unha na viola tocando, e

que me dá vontade de viajar cantando. Faço aquela estrofe, viajo no pensamento, vou em lugar que não conheço através da viola e do Repente. Então eu creio que todo mundo vai ter que ficar bem velhinho um dia, se não morrer cedo, se não morrer jovem a tendência é ficar velho e morrer um dia. E o cabra depois de velho, que pendura a chuteira e que não canta mais, e que faltou fôlego pra cantar... E que a mente já não é tão mais firme o quanto era antes... E que já não canta com aquela magnitude que cantava antes... Eu acredito que é uma tristeza, é muito vazio, é uma separação, é uma saudade. Eu acho que não é fácil não. Eu já imaginei e acho que é por aí, creio que não é bom não. Não só na arte de cantar. Como em qualquer arte, que seja o ator, a atriz, o sambista, o cantor de música romântico, o violeiro que só toca viola caipira, o radialista, o locutor de rádio, o jornalista... Depois de velho, de uma forma ou de outra, por mais que você seja carismático e que seja preparado, mas tem aquele vazio depois de velho. E ficar sem cantar um dia eu acho que não é fácil não. Eu não tenho vontade de parar não. Se enricar tudo bem, não sei, isso aí é consequência... Mas parar jamais, muito pelo contrário. Quando estou bem, aí é que eu pego a viola e canto mesmo, não quero nem saber!

Domingos: O senhor vive hoje só da viola, da Cantoria?

Messias: Só da viola. Eu vivo só da viola. Não sei, amanhã posso estar fazendo outra coisa, porque eu gosto de fazer qualquer coisa. Menos roubar, não é? Mas eu sou preparado pra qualquer coisa. Eu sei cavar buraco de cerca, sei fazer cerca, sei limpar mato, arrancar toco. Essa casa aqui, todo o material dessa casinha em que vocês estão aqui hoje me entrevistando, passou pelas minhas mãos, isso aqui eu ajudei o pedreiro a fazer. Entendeu? Eu gosto de fazer as coisas. Eu gosto de plantar horta, eu gosto de ir pra uma chácara e limpar mato, quebrar uma espiga de milho assim, assar na hora. Eu gosto dessa coisa, entendeu? Então aí eu faço qualquer coisa. Eu estou na viola, só na viola. Não é que eu tenha medo de fazer outra coisa... Mas eu gosto da arte. Gosto de fazer tudo que é bom, tudo que é útil. Gosto muito do sertão. Fiz uma viagem uma vez pro Nordeste e fiz uma Cantoria lá num sítio muito bom, Sítio Nova Morada, que fica no município de Novo Oriente, no estado do Piauí, na casa do seu Zé Maroca. Lá eu cantei e passei três dias mais ele. Lá eu fui pro mato mais eles, tiramos abelha do mato, comi mel de abelha, melando a boca e as mãos, isso é muito bom, isso para mim é muito gratificante. Então eu gosto de tudo isso. Ajudei eles a colher fava lá. Ajudei a apanhar feijão na roça. Outra vez retornei lá, ajudei eu mesmo a acertar as ovelhas, porque lá eles criam ovelha, bode, gado. Achava bacana ajudá-los naquelas coisas, eu gosto muito dessa vida.

Daniel: Se você fosse uma música, que música seria?

Messias: Rapaz, se eu fosse uma música eu seria uma música que... É uma pergunta meia difícil, mas eu vou responder. Uma música que defendesse a natureza. Seria esse tipo de música que falasse mais da natureza, defendesse o meio ambiente, suave, que transmitisse uma mensagem bem positiva.

Domingos: E o senhor, que está há tanto tempo aqui em Brasília, se sente um pouquinho brasiliense?

Messias: Eu me sinto, eu me sinto. Não que eu queira negar as minhas origens, de onde vim e pra onde vou, não. É porque eu gosto, Brasília tem muita gente bacana. Tem também aqueles que se corrompem e que pisam o outro pra galgar coisas melhores... Mas tem muita gente boa também, que se preocupa com o semelhante, com o lado cultural da coisa. Eu gosto de Brasília, me sinto um pouco brasiliense também.

Domingos: O que significa pro senhor a palavra candango?

Messias: A palavra candango pra mim significa os pioneiros que vieram pra Brasília e que construíram Brasília junto a Juscelino [Kubitscheck], a Bernardo Sayão e Hélio Prates e outros mais. Eu creio que candango é isso, não é não? Não sei se eu estou errado, mas eu acho que é isso. Ou não? Eu acho que é. Os primeiros brasileiros que deixaram seus rincões e que vieram para construir Brasília.

Domingos: E o que é memória?

Messias: Memória é você guardar no seu bom guardado, na sua lembrança, aquilo de bom que já passou e que você fez algo de bom, ou de bem. E que você memoriza ou guarda na gaveta da lembrança, isso é memória. Ou de alguém que te fez o bem e você honra aquela pessoa e que memoriza até hoje.

Domingos: E a vida?

Messias: A vida é uma das coisas mais importantes que Deus nos deixou. Por sinal, Deus é o dono da vida. A vida pra quem sabe viver é uma dádiva de Deus. A vida é tão importante que se tem alguém que vem aqui ao plano terrestre e que vive poucos tempos, mesmo assim valeu a pena. A vida é tão importante que, mesmo sendo por dias provisórios, valeu a pena você ter vivido a vida aqui.

Domingos: Se o senhor pudesse dar um conselho para alguém que está começando na Cantoria de Repente, o que o senhor diria?

Messias: Eu diria que, primeiro de tudo, procure fazer o que gosta. E procure respeitar aquilo que está fazendo. E aquilo que está fazendo, faça direitinho e faça com dignidade. E que transmita o melhor dentro daquilo que faz. E que nunca reclame daquilo que está fazendo. Porque eu já vi gente que entrou na área da Cantoria e que não se deu bem, depois foi reclamar. Eu já vi gente boçal dizer: "Ai, ainda bem que eu não estou precisando disso." Pra que entrou nisso? Não. Se entrou e leva jeito pra coisa, então respeite aquilo que está fazendo e procure fazer da melhor forma possível. E a transmitir o melhor daquilo que você está fazendo. E acima de tudo, tenha amor naquilo que está fazendo.

Daniel: Quando você toca viola, o que você sente?

Messias: Eu sinto prazer no que estou fazendo. E sinto também que estou me transportando sem sair do lugar. Me sinto um iluminado de Deus, independente de religião. Mas eu me sinto um privilegiado.

Domingos: A Cantoria é sempre atual?

Messias: É. A Cantoria é igual à lua, não fica velha e nem feia. Desde quando você saiba aprimorar ela. Porque tudo que é bem transmitido fica bonito. E uma palavra que você transmite bem direitinho fica bonito. Assim é a Cantoria. A Cantoria é sempre atual. Claro que você canta poemas que já foram feitos há muitos anos atrás, mas, ao mesmo tempo que você está transmitindo e cantando, ele é atual. Isso eu estou falando poema, sem contar com o Repente, que é uma coisa que você canta na hora. Então, a Cantoria é sempre atual.

Domingos: O senhor disse que era vaidoso com a viola. Como é isso?

Messias: Não... Eu não falo nem tanto de ser vaidoso com a viola, mas ser cuidadoso, porque muita gente confunde cuidado com vaidade e não tem nada a ver uma coisa com a outra. Eu sou cuidadoso com a viola, porque pra mim ou você zela o que tem ou então não abraça aquilo. Viola é um instrumento tão bom, eu acho bonito as curvas da viola, a madeira, o som, as cordas, a tonalidade dela, a forma de você cantar ou alguém tocar nela... Ou você tocar. Então eu tenho um certo cuidado com a viola. Não andar bêbado com a viola, dando pancada na viola, tocando com os dedos cheios de gordura. Ou então sair com ela na chuva sem uma capa - se molhar a viola empena, tão chato isso. Então é um cuidado, não é nada de vaidade não. É um cuidado, é isso. Se você tem uma criança, uma filha tão bonitinha, você zela por ela, isso é um cuidado, isso é um zelo, não vaidade. E assim é a viola.

Domingos: E Brasília é um lugar bom pra ser cantador?

Messias: Brasília é um lugar bom pra ser cantador. Tem um lado também, aquela coisa, às vezes um pouco desagradável... Mas é um lugar bom, lugar bom pra cantar. Quando você recebe um convite pra cantar que é bom... Eu já cantei no Teatro Nacional várias vezes. Cantei pra Neusa Dourado também, que é autora do projeto Mala do Livro, que hoje a Maria José é a gerente, é quem administra a coisa. Cantei no Teatro Nacional mais de uma vez, na sala Martins Pena. Cantei também junto com os atores e atrizes, participei de peça, três noites de shows. Passamos também uma semana inteira decorando, eu decorando o texto deles e eles decorando o meu trabalho poético. Não é fácil ser ator e ser atriz também... Não é fácil não. Esse povo aí, que ninguém vá pensar que vivem só numa boa, é barra pesada também. Eu que não era acostumado, tive que decorar a peça deles. Fui ator e fui cantador ao mesmo tempo, mas foi gratificante. A gente passou três noites, deu um show na sala Martins Pena. Lotou, a elite foi... Do Plano Piloto foi muita gente que gosta e foi bacana, eu achei bom. Por sinal ainda tenho até algum comprovante desses shows que eu participei.

Domingos: Como o senhor acha que fica a Cantoria daqui pra frente?

Messias: A Cantoria daqui pra frente ela, embora se aprofunde mais... Mas eu não sei, em termos de ouvintes ela precisa de uma política dinâmica voltada para o lado da Cantoria. Para o lado cultural, não só da Cantoria como várias culturas, entendeu? Precisa de uma política dinâmica voltada para o lado cultural do nosso país, porque senão pode morrer. Porque aquele assunto que no início eu falei, que tem muita gente aí fazendo porcaria e pensando que é música, pode poluir o mundo. O mundo está muito cruel. Porque os nossos meios de comunicação são muito importantes num ponto, mas noutros também armazenam muitas coisas ruins na cabeça dos jovens. E a Cantoria daqui pra frente pode ter uma inovação como está tendo, mas precisa mais apoio, mais cuidado e trabalhar forte pra lutar pra não desaparecer.

Daniel: É diferente a emoção de tocar num Teatro Nacional ou numa feira?

Messias: Boa pergunta. É diferente, não que eu queira menosprezar a feira, pois na feira eu já fiz muitas apresentações bacanas, ganhando o meu cachê, pago pela Secretaria de Cultura, entendeu? Já fiz Cantoria, apresentações, não tipo aquela de ontem, mas já fiz apresentações com cantadores bons em feira, pago o cachê já certo, apresentação boa e que a gente fez com prazer. Agora, cantar no Teatro Nacional é muito bom e tem uma diferença, porque ali você vai com responsabilidade. Não que eu queria dizer que cantar lá numa apresentação, numa Cantoria da feira não tem a responsabilidade, é claro que tem e é bom, é prazeroso, é uma coisa folclórica. Mas cantar no Teatro Nacional é muito gratificante porque você vai cantar num ambiente em que vão pessoas que realmente sabem aquilo que quer e o que gosta. E é uma coisa que você vai cantar com muita responsabilidade. Aparelhagem boa, ambiente bom, sua voz sai com uma transmissão mais perfeita... Porque afinal você está dentro de um teatro e você às vezes está cantando pro mundo, entendeu? Não que eu esteja querendo ser vaidoso nessa forma que eu estou falando aqui. Mas de uma forma ou de outra, um pouco de vaidade todo mundo tem, não adianta dizer que não porque todo mundo tem. Então você está cantando num ambiente que você está satisfeito e de bem... E que você está cantando num lugar e está transmitindo uma cultura pra um povo que está ali e que realmente foi assistir aquilo ali. Não um povo que está passando, indo e voltando, não. É um povo que foi ouvir o seu show, a sua Cantoria, aquilo que você vai transmitir, então é responsabilidade. É o que eu falei, que qualquer um que esteja dentro da arte, que a honre, faça com carinho, com amor, com responsabilidade.

Domingos: O senhor teria algum poema de sua autoria para declamar?

Messias: Eu não direi um poema, porque eu nunca fui muito... Não sei, amanhã pode ser que venha na minha cabeça, mas eu nunca fui lá de escrever um poema, ou fazer uma canção. Canto canções, eu canto, mas sou mais aquele que... Eu pretendo até gravar um CD, se Deus quiser, mais breve vou gravar um CD. Eu já tenho algumas coisas boas preparadas pra isso aí, vou recitar uma coisa de trabalhos meus que vou gravar depois. Não que eu diga poema, mas são coisas que eu pretendo botar em CDs que virão futuramente e que espero que não demore. Se Deus quiser, porque depois que o cara já está velhinho, gagá, também

não adianta mais, não é? Tem que aproveitar a vida enquanto você tem fôlego, tem energia, tem coragem. Por exemplo, mote da minha autoria: “Só seremos um povo independente / Quando houver igualdade social.” Porque eu, dentro dessas coisas, sou tipo o Ivanildo Vila Nova. Ivanildo não é de escrever canção e nem poema. Não estou me comparando a ele, mas eu sigo bem a meta... “Eu me criei no sertão / Ouvindo a voz do vaqueiro” - é um mote da minha autoria. Tem muitas coisas da minha autoria que estão guardadas, que eu vou depois botar num CD. Tem também apresentação que fiz na época do Cantoria Escola. Cantoria Escola foi um projeto do Chico de Assis e o Zé Ferreira, que hoje está lá morando em Oeiras, no Piauí. Eu e o Zé Ferreira, que é um gênio, passou um ano comigo aqui em Brasília e a gente cantou muito. É irmão do Edmilson Ferreira, hoje está com um mercado lá em Oeiras, no Piauí. Eu estive na casa dele um dia desses, está bem de vida, montou um mercadão lá e está tocando a vida. Mas escreve coisas de arrepiar, muito bom ele... Então, nós estávamos cantando uma vez num projeto que o Chico de Assis criou quando ele era diretor da Casa do Cantador. Um projeto chamado Cantoria Escola. Eu fui uma vez cantar com o Zé Ferreira num colégio lá em Ceilândia. Aí deram um assunto pra gente: a saúde do Brasil. E muita gente até pensou que a gente tinha cantado feito. Não foi feito, foi na hora que os professores deram esse assunto pra nós... E já bem na hora de começar lá a cantar, fazer apresentação, nós nos afastamos um pouquinho. Zé, o assunto que eles deram agora foi a saúde do país, a saúde do Brasil. Aí o Zé disse: “é, vamos cantar”. E nós fizemos uma apresentação tão bem-feita, que os professores gravaram. E o Valdenor ia muito com a gente e às vezes nos levava pra apresentação, às vezes ele não cantava, só levava. E eu e o Zé tomamos conta do terreno, fizemos uma magnífica apresentação falando da saúde do Brasil. O diretor da Casa do Cantador, Chico de Assis, achou tão boa essa apresentação que a gente fez sem ter escrito. Que não foi escrito, tem alguém por aí que tem um folheto, pensa que a gente escreveu, não foi não... Que é normal escrever pra botar em folheto, mas não foi. Eles acharam tão bom, o Chico de Assis gravou depois, levou pra Secretaria de Cultura e eles imprimiram, fizeram foi um folheto falando sobre a saúde do nosso país.

[Toca a viola repentista e canta:]

*A ciência tem nos dado
notícia surpreendente,
o campo medicinal
cresceu excessivamente
mas o povo brasileiro
cada dia é mais doente.*

*Aqui no país da gente
já vi cenas de horrores
por falta de assistência
em hospital sem doutores,
doente morrer à míngua*

no meio dos corredores.

*Possuem os mais sofrendores
a doença como hostil,
planos de saúde como
a Golden Cross e Amil
são privilégios de poucos
habitantes do Brasil.*

*No Nordeste do Brasil
a região mais carente
por não ter água tratada
nós vimos infelizmente
a capital do forró
ficando sem muita gente.*

[Toca a viola repentista e canta "Coqueiro da Bahia:"]

*Só para finalizar
Uma estrofe vou fazer
Cantar com muito prazer
Meu pensamento vigora
O [que é feito] na hora
Sempre transmite alegria
Coqueiro da Bahia
Quero ver meu bem agora
Quer ir mais eu vamos
Quer ir mais eu vambora
Quer ir mais eu vamos
Quer ir mais eu vambora.*

*Pra Domingos e sua gente
aqui meu recado dou
canto fazendo [meu] show,
mas eu faço sem demora.
Viaja de mundo afora
o valor da Cantoria,
Coqueiro da Bahia,
Quero ver meu bem agora
Quer ir mais eu vamos
Quer ir mais eu vambora
Quer ir mais eu vamos*

Quer ir mais eu vambora.

*Quando canto de improviso
Me sinto bem à vontade
Que o verso tem qualidade
E o Repente que vigora
E quando a minha boca ora
A dor da alma alivia
Coqueiro da Bahia
Quero ver meu bem agora
Quer ir mais eu vamos
Quer ir mais eu vambora
Quer ir mais eu vamos
Quer ir mais eu vambora
Quer ir mais eu vamos
Quer ir mais eu vambora
Quer ir mais eu vamos
Quer ir mais eu vambora !*

[Aplausos da equipe.]
